

OS RELATOS DO ÊXODO NO PERÍODO HELENÍSTICO

Willibaldo Ruppenthal Neto¹

RESUMO

Este artigo visa analisar os relatos do êxodo no período helenístico a partir da compreensão de que esta história se torna um elemento constitutivo da identidade judaica, ao mesmo tempo que sofre reformulações a partir da leitura de gregos e egípcios. São apresentados, portanto, os relatos de Hecateu de Abdera, Manetão, Lisímaco, Querémon e Apião, assim como são identificadas as transformações no mesmo por parte de judeus como Artapanus e Ezequiel. Trata-se, portanto, de um estudo a respeito da leitura de uma tradição judaica em um contexto helenístico, no qual a comunidade judaica no Egito crescia e a hostilidade egípcia à mesma também.

Palavras chave: Êxodo, Moisés, Judaísmo, Mundo Helenístico.

ABSTRACT

This article aims to analyze the accounts of the exodus in the Hellenistic period from the understanding that this story became a constitutive element of the Jewish identity while it undergoes reformulations from its reading by Greeks and Egyptians. Therefore, the reports of Hecateus of Abdera, Manetho, Lysimachus, Chaeremon and Apion are presented, as well as the transformations in the same by Jews like Artapanus and Ezekiel. It is, therefore, a study of the reading of a Jewish tradition in a Hellenistic context, in which the Jewish community in Egypt grew just like the Egyptian hostility to it.

Keywords: Exodus, Moses, Judaism, Hellenistic World.

INTRODUÇÃO

Segundo o relato bíblico do Êxodo, o povo de Israel havia sido escravizado pelos egípcios, de modo que a saída do Egito foi uma libertação. Com o direcionamento divino e o auxílio de Deus, puderam por fim conquistar a terra prometida e habitar nela. Mesmo assim, porém, vários judeus decidiram posteriormente migrar para outras regiões a fim de fazerem suas vidas como mercenários, comerciantes, e assim por diante. Um dos locais escolhidos foi justamente o Egito, de modo que, vivendo séculos depois do êxodo, se viram em uma situação completamente diferente, mas que trouxe o relato do êxodo à tona para além do círculo do judaísmo, onde sempre marcou presença como o evento histórico mais mencionado da literatura bíblica (NA'AMAN, 2011, p. 39).

A volta dos judeus ao Egito no período helenístico

Com a dispersão do povo judeu ao longo de todo o mundo helenístico e principalmente com a intensa e constante troca cultural neste mundo, o relato judaico do Êxodo não se fez somente conhecido, como também importante. Enquanto os judeus mantinham-se na Judeia, ou mesmo em regiões como a Mesopotâmia, o relato judaico do Êxodo não chamava muita atenção. Porém, conforme aumentava a concentração de judeus no próprio Egito, tão importante neste relato, o mesmo começava a ser notado. De fato, no período helenístico os judeus marcaram uma presença cada vez mais forte no Egito: “a principal onda de reentrada judaica no Egito parece ter sido no fim do período persa e nos primeiros anos da era helenística” (GRUEN, 1998, p. 93). Além da grande comunidade judaica em Alexandria¹, também se destacavam a colônia militar em Elefantine e a comunidade judaica em Leontópolis. A presença judaica nestas duas últimas cidades foi tão grande e tão importante, que até foi construído um templo judaico em cada uma delas².

Conforme a comunidade judaica no Egito aumentou, também a cultura judaica se fez mais conhecida: gregos e mesmo egípcios começaram a escrever sobre os costumes e a história deste povo tão peculiar. No que diz respeito às origens dos judeus, porém, encontraram entre os judeus um relato bastante crítico do Egito, segundo o qual os judeus teriam sido escravizados pelos egípcios, e somente libertos após Deus castigar o maldoso faraó e a população egípcia, idólatra e hostil aos judeus. Certamente tal perspectiva, tão negativa em relação aos egípcios, dificilmente seria seguida pelos gregos, e principalmente pelos próprios egípcios. Deste modo, começaram a surgir reações e respostas ao relato judaico, de forma que “ecos de uma variedade diferente do

relato emergiram na literatura produzida pelos autores pagãos no Egito” (GRUEN, 1998, p. 93).

O relato de Hecateu de Abdera

Apesar dos contatos entre judeus e gregos datar de pelo menos o século X a.C., tal como indicam os materiais arqueológicos, o relato grego mais antigo que temos a respeito dos judeus data do século IV a.C., tendo sido escrito por Hecateu de Abdera, em pleno despontar do período helenístico. Apesar dos judeus serem interessantes para os gregos pelas suas particularidades, parece que, pelo menos a um primeiro momento, possuem importância justamente pela ampla presença no Egito. Assim, mesmo que Flávio Josefo tenha indicado que Hecateu escreveu um livro a respeito dos judeus³, a primeira referência grega ao povo judaico se dá justamente em uma obra deste autor grego a respeito do Egito, denominada *Aegyptiaka*⁴. Neste relato, Hecateu apresenta o êxodo dos judeus do Egito, sendo uma expulsão decorrente de uma peste (STERN, 1976, p.):

[1] Em tempos antigos, quando uma peste se alastrou pelo Egito, o povo simples atribuiu a causa de seus males à intervenção divina, pois, como havia muitos estrangeiros, de todas as partes do mundo, que viviam no meio deles e tinham diferentes costumes a respeito da religião e dos sacrifícios, seu próprio culto ancestral dos deuses deixou de ser observado.

[2] Por causa disto, os nativos da terra entenderam que, a menos que os estrangeiros fossem removidos, seus problemas não seriam resolvidos. Imediatamente, então, os forasteiros foram banidos daquela terra, tendo os mais distintos e competentes se juntado em grupos que foram expulsos, alguns dizem, para a Grécia e outros lugares, estando sob líderes notáveis, dos quais os mais famosos são Dânao e Cadmo. A maioria, porém, se dirigiu ao que hoje se chama Judeia, que não é distante do Egito e que naquele tempo se encontrava completamente desabitada.

[3] A colônia foi liderada por um homem chamado Moisés, que era notável em prudência e em bravura. Tomando posse da terra, ele fundou muitas cidades, dentre as quais aquela que atualmente é a mais famosa de todas, chamada Jerusalém. Ele também construiu o Templo pelo qual eles têm a maior veneração, instituiu as formas de adoração à divindade e seus rituais, e estabeleceu a forma de sua constituição. Ele também os dividiu em doze tribos, por considerar este como o número mais perfeito e correspondente ao número de meses que formam o ano.

[4] Mas ele não fez qualquer imagem de divindade, pois ele acreditava que deus não possuía forma humana, mas que apenas o céu, ao redor da terra, é o único deus e senhor de tudo. Ele estabeleceu sacrifícios e um estilo de vida que diferem daqueles dos demais povos, pois como resultado de sua própria expulsão ele introduziu um modo de vida antissocial e inospitaleiro. Ele escolheu os homens mais talentosos e mais capazes para liderarem todo o povo, os quais nomeou como sacerdotes, e prescreveu que deveriam se ocupar no cuidado do Templo e na adoração e sacrifícios à divindade.

Assim, de modo muito diferente do relato judaico, no qual os judeus solicitam que os egípcios os deixem partir, no relato de Hecateu os judeus são simplesmente expulsos, juntamente com outros estrangeiros. Enquanto alguns estrangeiros, liderados por Dânao e Cadmo vão para a Grécia, aqueles que são liderados por Moisés vão para a Judeia, formando uma colônia egípcia com novos costumes, novas leis e uma nova forma de organização (tribal). Mas, de onde Hecateu teria tirado a ideia de que a Judeia é uma colônia egípcia de estrangeiros expulsos? Aparentemente, trata-se de uma leitura sob a perspectiva egípcia, segundo a qual diversos povos teriam sido estabelecidos como colônias do Egito, que seria, portanto, como uma espécie de berço civilizacional. Esta ideia, apesar de ser egípcia em sua origem, parece ter ganho força entre os gregos pela obra de Heródoto⁵, que influenciou Hecateu fortemente, mesmo que o tenha criticado.

Flávio Josefo e os relatos egípcios do Êxodo

Se o relato de Hecateu se distancia do relato judaico por um lado, apresentando aspectos da história que não correspondem ao registro da Bíblia Hebraica, por outro lado também não acompanha as duras críticas aos judeus que os egípcios irão apresentar. Afinal, os judeus são apresentados como um povo fechado (“antissocial e inospitaleiro”), mas somente “como resultado da sua própria expulsão” por parte dos egípcios. Deste modo, Flávio Josefo, no século I d.C., terá Hecateu de Abdera como referência positiva em relação aos judeus, especialmente se comparado às críticas egípcias que pretende contestar. Assim, sua obra *Contra Apionem* é fundamentalmente uma defesa do judaísmo frente aos ataques direcionados contra os judeus, especialmente da parte dos egípcios, dentre os quais Apião, que dá nome à obra (“Contra Apião”). Dentre as suas defesas, que variam até mesmo ao ponto de ter que responder à acusação de onolatria – uma vez que se dizia que os judeus teriam adorado uma cabeça de asno de ouro⁶ –, Josefo indica e cita alguns relatos egípcios do êxodo, que variaram consideravelmente em relação ao relato judaico.

Se no relato judaico os egípcios aparecem como vilões da história e os judeus como os heróis, nos relatos egípcios ocorre o inverso: “os judeus aparecem como vilões ao invés de vítimas, opressores ao invés de oprimidos, os perpetradores de sacrilégios ao invés dos protetores da fé, e finalmente os derrotados ao invés dos triunfantes” (GRUEN, 1998, p. 93-94). Para se perceber estas tão profundas transformações, cabe analisar cada um dos principais relatos egípcios helenísticos a respeito do êxodo, tal como nos apresenta Flávio Josefo.

O desenvolvimento da tradição egípcia

A despeito da imagem negativa do Egito nos relatos judaicos, é bem possível que a hostilidade egípcia aos judeus também tenha sido decorrente do fato de que os judeus “como um resultado de quase exclusiva afiliação com os governantes gregos eles não se integraram bem com a cultura egípcia local” (KUGLER, 2005, p. 78). De toda forma, haja ou não um antijudaísmo que perpassa todos os relatos, cabe se perceber cada um individualmente.

Segundo Flávio Josefo, o relato do historiador e sacerdote egípcio Manetão (séc. III a.C.)⁷ apresentaria o êxodo judaico dentro de “uma história religiosa e política da sua terra nativa de seu começo até a véspera do período helenístico” (GRUEN, 1998, p. 103), ou seja, na sua obra *Aegyptiaca*. Nesta obra, Manetão relata a invasão do Egito pelos hicsos, que reinam por seis gerações até serem finalmente expulsos para a Síria, onde fundam a cidade de Jerusalém. Após certo tempo, se unem a Osarsiph, sacerdote de Heliópolis (ou Leontópolis), que, liderando um grupo de leprosos e doentes, realiza uma rebelião contra o Egito e ocupa primeiramente a cidade de Avaris, dedicada ao deus Seth, associado pelos gregos ao titã Tifão. Durante esta rebelião, cidades são queimadas, templos saqueados e mesmo as imagens dos deuses profanadas, até que o faraó Amenófis retorna da Etiópia e expulsa os revoltosos para a Síria. Mesmo que Manetão não indique os hicsos como judeus ou mesmo Osarsiph como outro nome de Moisés, Josefo faz tais conexões. Como bem indicado por Erich Gruen, é mais provável que Manetão, diferente do que pensa Josefo, tenha apresentado somente um relato egípcio, uma “tradição egípcia estabelecida” (GRUEN, 1998, p. 106), a qual não tem necessariamente a ver com os judeus (GRUEN, 1998, p. 106). Mas, por que teria Josefo visto aqui um relato do êxodo judaico? Muito provavelmente porque os demais autores, mudando o relato de Manetão, tenham incorporado elementos deste às suas formas do êxodo.

Lisímaco (séc. II-I a.C.)⁸, por exemplo, apesar de mudar o nome do sacerdote (Bocchoris, e não Amenófis), preserva o elemento dos leprosos: Moisés (e não Osarsiph) teria, portanto, liderado um grupo de leprosos sobreviventes de uma expulsão do Egito. Se Osarsiph foi marcado pela profanação de templos, também o teria sido Moisés: este, liderando o grupo, deu maus conselhos, incentivando que fossem destruídos todos os templos e altares que encontrassem pelo caminho, até chegarem à Judeia. Lá chegando, fundaram a cidade de Hierosyla, chamada assim pela profanação dos templos, sendo posteriormente denominada Hierosolyma (Jerusalém). Mas, se por um lado a profanação e os saques parecem influência da leitura de Manetão, por outro

também podem ser decorrentes do próprio relato judaico: afinal, mesmo que Flávio Josefo tenha negado⁹, o livro de Êxodo fala que os judeus levaram diversos objetos de valor dos egípcios quando partiram (Êx 3.21-22; 11.2-3; 12.35-36).

Se em Lisímaco os nomes são diferentes, Querémon (séc. I d.C.) apresenta um relato no qual o faraó Amenófis (tal como Manetão) teria expulsado uma multidão infectada, a qual foi guiada por Moisés (!) e José (?). Também neste relato Amenófis teria fugido para a Etiópia, após ser invadido. Diferente do relato de Manetão, porém, foi somente seu filho, Ramsés, que expulsou os invasores que fugiram para a Síria. Sendo assim, seu relato parece um tanto quanto confuso, como indicou Josefo (*Cont. Ap.*, 1.293-303), revelando ser “mais confusão que hostilidade” (GRUEN, 1998, p. 112). Por fim, a incorporação total entre Osarsiph e Moisés parece ter se dado no relato de Apião (séc. I d.C.)¹⁰, que chega a afirmar que Moisés “era um nativo de Heliópolis que, estando comprometido com os costumes de seu povo, erigiu casas de oração, ao ar livre, nos vários distritos da cidade, todas voltadas ao leste, sendo esta também a orientação de Heliópolis”. Em todos estes casos, mesmo que Josefo tenha enfatizado um caráter “antijudaico”, pode-se perceber elementos presentes dentro do próprio relato dos judeus (RUPPENTHAL NETO, 2016b, p. 126), adaptados em relação a outra tradição, egípcia, como por exemplo: a lepra em relação a Moisés (cf. Êx 4.6-7), a Etiópia (cf. Êx 12.1), o despojo tomado (cf. Êx 3.21-22), e assim por diante. Se seria tal “mistura” que Josefo viu de forma tão ofensiva (GAGER, 1998, p. 131), não há como saber.

O desenvolvimento da tradição judaica

Assim como o relato do êxodo ganhou destaque entre egípcios no período helenístico, também ocorreu uma transformação na percepção desta história por parte dos próprios judeus. Afinal, antes o relato era algo interno, de tal forma que podia ser estático – agora, porém, deveria ser apresentado de tal forma que respondesse às questões e acusações dos egípcios. Deste modo, o êxodo não somente “tomou um lugar central na consciência judaica e autopercepção dos judeus” (GRUEN, 1998, p. 98), mas também sofreu alterações e reformulações dentro da tradição judaica, especialmente no que diz respeito à imagem de Moisés. Deste modo, mais provável que o uso da tradição judaica pelos egípcios para alterar o relato do êxodo é a expropriação dos mitos egípcios, por parte dos próprios judeus, a fim de inserirem nestes os seus heróis, suas qualidades e seus triunfos (GRUEN, 1998, p. 113).

Afinal, assim como Moisés passa a incorporar elementos da mitologia grega, sendo indicado por Artapanus como sendo Museu, mestre de Orfeu (RUPPENTHAL NETO, 2016a, p. 378), também o próprio êxodo se torna uma tragédia, aos moldes gregos, nas mãos de Ezequiel, o trágico (RUPPENTHAL NETO, 2016a, p. 380). Deste modo, “a supervalorização da imagem de Moisés entre os judeus helenísticos se deu dentro de um contexto de readequações dos relatos do Êxodo para um novo público e um novo propósito” (RUPPENTHAL NETO, 2016a, p. 387).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se, por um lado, o livro do Êxodo teve “profundo significado para a identidade e memória judaica” (GRUEN, 1998, p. 113), por outro lado se pode perceber que não permaneceu imóvel e inalterável: o relato do Êxodo, tal como se apresenta no período helenístico, tanto pelas suas transformações estranhas, por gregos, egípcios e romanos, assim como pelas mudanças realizadas dentro do próprio judaísmo, foi algo vivo, presente e latente. Não foi algo estático, sobre o qual a identidade judaica se firmou como sobre uma pedra. Antes, foi algo fluido, como um rio no qual a identidade judaica navegou e por fim se encontrou. Nem por isso, porém, perdeu sua importância como elemento constitutivo desta identidade. Afinal, “mesmo que a formação da história na consciência histórica tenha passado por diversas mudanças, permaneceu como um elemento central na memória israelita por todas as gerações” (NA’AMAN, 2011, p. 69).

De fato, não se pode saber até que ponto as transformações vieram de uma ou outra parte. Como bem colocou Gmirkin: “Será que Manetão contém uma resposta polêmica ao relato do Êxodo? Ou será que o relato do Êxodo contém uma resposta polêmica às histórias em Manetão?” (GMIRKIN, 2006, p. 170). Não há como saber precisamente. O que se pode saber, porém, é que uma identidade não se forma somente na autoafirmação para si, mas principalmente na auto compreensão a partir do contato com o outro. Não é de se surpreender, portanto, que a identidade judaica tenha se configurado de modo especial neste tempo tão intenso em trocas culturais que foi o período helenístico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Vítor Luiz Silva de. O Templo de Heliópolis e o julgamento de Ptolomeu VI Filometor: o javismo descentralizado. *Revista Jesus Histórico*, Ano VII, No. 13, 2014. p. 83-94.
- GAGER, John G. Some Thoughts on Greco-Roman Versions of the Exodus Story. *Jewish History*, Vol. 12, No. 1, Spring 1998. p. 129-132.
- GMIRKIN, Russell E. *Berosus and Genesis, Manetho and Exodus: Hellenistic Histories and the Date of the Pentateuch*. New York/London: T&T Clark, 2006.
- GRUEN, Erich S. The Use and Abuse of the Exodus Story. *Jewish History*, Vol. 12, No. 1, Spring 1998. p. 93-122.
- KUGLER, Rob. Hearing the Story of Moses in Ptolemaic Egypt: Artapanus accommodates the tradition. In: HILHORST, Anthony; VAN KOOTEN, George H. (eds.). *The Wisdom of Egypt: Jewish, Early Christian, and Gnostic Essays in Honour of Gerard P. Luttikhuisen*. Leiden/Boston: Brill, 2005. (Ancient Judaism and Early Christianity, 59), p. 67-80.
- NA'AMAN, Nadav. The Exodus Story: Between Historical Memory and Historiographical Composition. *Journal of Ancient Near Eastern Religions*, Vol. 11, 2011, p. 39-69.
- REINACH, Théodore. *Textes d'auteurs grecs et romains relatifs au judaïsme*. Reunis, traduits et annotés par Théodore Reinach. Paris: Ernest Leroux, 1895. (*Fontes rerum Judaicarum*).
- ROSENBERG, Stephen G. The Jewish Temple at Elephantine. *Near Eastern Archaeology*, Vol. 67, No. 1, Mar. 2004. p. 4-13.
- RUPPENTHAL NETO, Willibaldo. A imagem de Moisés no judaísmo helenístico. *Reflexus*, Ano X, n. 16, 2016a. p. 375-393.
- _____. A imagem de Moisés no mundo helenístico. *Revista Jesus Histórico*, Ano IX, n. 17, 2016b. p. 116-132.
- STERN, Menahem. *Greek and Latin Authors on Jews and Judaism*. Edited with Introductions, Translations, and Commentary by Menahem Stern. Volume 1: From Herodotus to Plutarch. Jerusalem: Israel Academy of Sciences and Humanities, 1976.

¹ Mestrando em História na Universidade Federal do Paraná. Graduado em História pela Universidade Federal do Paraná e Bacharel em Teologia pela FABAPAR. Membro discente do NEMED. Bolsista CNPq. E-mail: willibaldoneto@hotmail.com

² Não é à toa que a primeira tradução grega da Bíblia Hebraica, denominada Septuaginta (LXX) será indicada como tendo sido feita em Alexandria, segundo a *Carta de Aristeas*. Apesar de defender que foi uma obra dirigida e financiada por Ptolomeu, rei do Egito, é bem possível que tenha sido uma tradução empreendida dentro da própria comunidade judaica na Diáspora, especialmente em Alexandria, em decorrência do aumento do uso do grego entre os judeus e mesmo nas liturgias.

³ Sobre o Templo de Elefantine, cf. ROSENBERG, 2004. Sobre o Templo de Leontópolis (ou Heliópolis), cf. ALMEIDA, 2014.

⁴ Segundo Josefo, se alguns autores gregos deram valor aos judeus mencionando Abraão, "Hecateu fez mais que apenas mencionar Abraão: Hecateu deixou um livro que escreveu sobre Abraão" (Flávio Josefo, *Ant. Jud.*, 1.159). Clemente de Alexandria também menciona uma obra de Hecateu sobre os judeus (*Stromateis*, 5.113 = Eusébio, *Praeparatio Evangelica*, 8.13.40), que seria intitulada "Sobre Abraão e os egípcios".

⁵ Hecateu de Abdera, *Aegyptiaca* apud Diodoro Sículo, *Bibliotheca Historica*, 40.3 = Photius, Cod. 244 = F9R = FrGH III A264 F= 13 Müller = 9 Reinach = 11 Stern.

⁶ Heródoto, *Historiae*, 2.2,4,51,54-58,82,109,177.

⁷ Esta acusação parece ter como fonte mais antiga Mnaseas de Patara, na Lícia, mas parece ter influência egípcia. Segundo Menahem Stern, esta acusação "nasceu no Egito helenístico, em uma atmosfera hostil aos judeus" (STERN, 1976, p. 97-98). Cf. Flávio Josefo, *Cont. Ap.*, 2.81. Sobre esta acusação, cf. meu artigo "A acusação de onolatria judaica no período helenístico" (no prelo).

⁸ Flávio Josefo, *Cont. Ap.*, 1.75-90; 1.93-105. Cf. STERN, 1976, p. 66-77 (Stern 19 e 20).

⁹ Flávio Josefo, *Cont. Ap.*, 1.304-311; STERN, 1976, p. 383-385 (Stern 158).

¹⁰ Flávio Josefo, *Ant. Jud.*, 2.314.

¹¹ Flávio Josefo, *Cont. Ap.*, 2.1-11; STERN, 1976, p. 392-394 (Stern 164).